

As práticas informacionais no combate à homofobia e a construção da resiliência informacional

Informational practices in the fight against homophobia and the construction of information resilience

Luis Carlos da Silva  

Edvaldo Carvalho Alves  

Fellipe Sá Brasileiro  

Resumo

Analisa se/como as práticas informacionais constituídas no Centro Estadual de Referência dos Direitos de LGBTQIA+ e Enfrentamento à LGBTQIAfobia da Paraíba, Pedro Alves de Souza (Espaço LGBT Pedrinho), em João Pessoa, têm contribuído para o desenvolvimento da resiliência informacional das pessoas LGBTQIA+ no contexto da homofobia. Trata-se de um estudo qualitativo realizado por meio da pesquisa de campo. Utiliza a entrevista semiestruturada como técnica de coleta dos dados referentes às práticas dos participantes do espaço e o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) como método para a análise dos dados. Observa-se que o processo de afirmação e expressão dos sujeitos participantes pela orientação sexual foi permeado por desafios informacionais que situavam a homossexualidade como exclusão. A interação com ambiente informacional possibilitou nesses indivíduos o desenvolvimento de práticas informacionais cotidianas, que contribuíram para o reconhecimento da orientação sexual e a promoção da resiliência informacional frente à homofobia, tornando-os conscientes e com mais iniciativas na tomada de decisões diante de contextos LGBTQIA+. Conclui-se que os espaços públicos direcionados à população LGBTQIA+ podem atuar na reformulação do entendimento sociocultural e afetivo das informações acerca da homofobia, construindo sujeitos resilientes diante das ameaças homofóbicas, na medida em que medeiam informações adequadas à realidade dos participantes de modo crítico, acolhedor e colaborativo.

Palavras-chave: resiliência informacional; práticas informacionais; homofobia; LGBTQIA+; Espaço LGBT de João Pessoa.



folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Juazeiro do Norte, v. 9, n. 2, p. 198-225, maio/ago. 2023. ISSN 2447-0120. DOI [10.56837/fr.2023.v9.n2.956](https://doi.org/10.56837/fr.2023.v9.n2.956).

Abstract

It aims to analyze if/how the informational practices constituted in the State Center of Reference for LGBTQIA+ rights and the Fight against LGBTQIAphobia in Paraíba, Pedro Alves de Souza (Espaço LGBT Pedrinho), in João Pessoa, have contributed to the development of informational resilience of LGBTQIA+ people in the context of homophobia. It is a qualitative study conducted through field research. It uses the semi-structured interview as a technique for collecting data regarding the practices of the space participants and the Collective Subject Discourse as a method for data analysis. It is observed that the process of affirmation and expression of the subjects participating in their sexual orientation was permeated by informational challenges that placed homosexuality as exclusion. The interaction with the informational environment enabled these individuals to develop daily informational practices, which contributed to the recognition of sexual orientation and the promotion of informational resilience in the face of homophobia, making them aware and with more initiatives in decision-making in the face of LGBTQIA+ contexts. It is concluded that public spaces aimed at the LGBTQIA+ population can act in the reformulation of the sociocultural and affective understanding of information about homophobia, building resilient subjects in the face of homophobic threats, insofar as they mediate information appropriate to the reality of the participants in a critical, welcoming way and collaborative.

Keywords: informational resilience; informational practices; homofobia; LGBTQIA+; Espaço LGBT of João Pessoa.

1 Introdução

A população LGBTQIA+¹ enfrenta cenários informacionais de incerteza e vulnerabilidade diante das informações que circulam no cotidiano, isto porque tais informações vinculam a heteronormatividade como norma, dificultando o processo de socialização, aceitação de suas identidades e de construção das competências críticas necessárias para a luta por direitos sociais. Consequentemente, as pessoas LGBTQIA+ se sentem à margem da sociedade, vivenciando diferentes formas de invisibilização de seus corpos, como a LGBTQIAfobia², que limita, por exemplo, o direito à vida dessas pessoas.

Devido os desafios informacionais – falta de informação, informações falsas, desinformação, entre outros – que permeiam o cotidiano das pessoas LGBTQIA+, o conceito Resiliência Informacional se configura como um recurso importante na compreensão do processo de reformulação das práticas informacionais de letramento acerca da LGBTQIAfobia, empregado por esta

¹ Nesta pesquisa, adota-se a sigla LGBTQIA+, tendo em vista que as identidades de gênero e orientações sexuais são plurais. As letras correspondem, respectivamente a: lésbicas, gays, bissexuais, o T que abrange três identidades que são: travestis, transgêneros, transexuais, *queer*, intersexo, assexual e o sinal de mais (+) que corresponde a população não-heterossexual não contemplada pela sigla.

² A LGBTQIAfobia corresponde ao preconceito, ao ódio, à aversão, ao desprezo, à desconfiança e à violência em relação à população LGBTQIA+ – termo utilizado para representar as formas de opressões que esta população sofre na contemporaneidade. Em contextos específicos, é recomendável o direcionamento para uma das identidades, como é o caso deste estudo, que está direcionado para a homofobia.

população nos espaços alternativos e emergentes de conexão, direcionado ao desenvolvimento da autonomia e emancipação.

Nesse sentido, a fim de refletir acerca da resiliência informacional da população LGBTQIA+ em seus espaços de conexão e apoio, o presente artigo objetiva analisar se/como as práticas informacionais desenvolvidas no Centro Estadual de Referência dos Direitos de LGBTQIA+ e Enfrentamento à LGBTQIAfobia da Paraíba, Pedro Alves de Souza (Espaço LGBT Pedrinho), em João Pessoa, têm contribuído para a resiliência informacional dessa população diante da homofobia³.

O estudo torna-se relevante para o campo da informação ao trazer à tona a realidade informacional de sujeitos marginalizados, como a população LGBTQIA+. No plano conceitual, contribui para o desenvolvimento do conceito de resiliência informacional, emergente no campo da informação, e para o fortalecimento dos estudos acerca das práticas informacionais que envolvem as questões de gênero e sexualidade, com foco no fenômeno da homofobia.

O texto encontra-se estruturado em cinco seções, além desta introdução. Na segunda seção apresenta-se o referencial teórico do estudo, objetivando especificar as definições, funções e relações das categorias analíticas adotadas. Inicialmente, discute-se sobre os conceitos de gênero e sexualidade no sentido de evidenciar as particularidades que permeiam a vida social dos sujeitos LGBTQIA+. Em seguida, aborda-se o conceito de resiliência e de prática informacional visando situar o processo de transição informacional dos sujeitos. Adiante, os procedimentos metodológicos são descritos. Após isso, apresenta-se os resultados e discussão. Por fim, as considerações finais da pesquisa.

2 Gênero e sexualidade

Os significados sobre os corpos dos sujeitos, historicamente, foram definidos pela estrutura social heteronormativa, que os limitavam a partir do sexo biológico. Assim, passou-se a compreender os limites de ser homem e mulher pela estrutura binária de gênero (masculino/feminino), bem como o próprio conceito de gênero (Butler, 2003). Entretanto, mesmo que “[...] utilizado como

³As entrevistas coletadas e parte dos resultados alcançados fazem parte da dissertação de mestrado “A resiliência informacional no contexto da homofobia: o papel das práticas informacionais no Espaço LGBT de João Pessoa-PB”, defendida no Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), em março de 2022.

sinônimo de sexo, nas ciências sociais o termo gênero expressa as diferenças construídas socialmente, independentemente de qualquer base biológica” (Bufrem; Nascimento, 2012, p. 201), pois o conceito de gênero parte das distinções e relações sociais percebidas entre os sexos (Scott, 1995). Scott (1998, p. 15) salienta que gênero [...] não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais”. Portanto, o conceito é uma categoria analítica para compreender as relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais da vida individual e coletiva dos sujeitos.

Na contemporaneidade, a noção binária de gênero passa a ser questionada à medida que as pessoas não percebidas no formato binário, a exemplo da população LGBTQIA+, reconhecem que estão imersas em disputas de valores, poder e comportamentos envolvendo privilégios estruturais (Butler, 2003), que atravessam o trabalho, a religião, a política, a educação, a saúde, a sexualidade, e outras dimensões da vida social.

Em relação à sexualidade, Foucault (1988, p. 139) a concebe como “conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais, por meio do desdobramento de uma complexa tecnologia política”, isto é, compreendida como um “dispositivo histórico”, pois ganha significado a partir de múltiplos discursos “que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem ‘verdades’ sobre os corpos, seus desejos e prazeres” (Louro, 2010, p. 12). Portanto, a sexualidade é compreendida como uma questão social, política, histórica que é aprendida no decorrer da vida dos indivíduos (Butler, 2003), pois “da mesma forma como o gênero, a sexualidade também envolve um processo contínuo de construção da identidade humana pessoal, que acontece dentro de um contexto histórico, social e cultural específicos” (Santos, 2020, p. 71).

Atualmente, há uma compreensão da diversidade sexual a partir de conceitos contemporâneos que buscam delimitar como o indivíduo se expressa no cotidiano, tais como a identidade de gênero e a orientação sexual. O entendimento acerca dessas questões, que muitas vezes são tratadas com preconceitos por falta de informação ou desinformação, possibilita entender os anseios, direitos e desafios da população LGBTQIA+ frente ao contexto sociocultural-político relacionado à heteronormatividade.

A orientação sexual diz respeito “[...] à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por pessoas de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e

sexuais com essas pessoas” (Princípios de Yogyakarta, 2007, p. 7). Por sua vez, a identidade de gênero se refere à percepção subjetiva do sujeito no modo de se comportar na sociedade a partir do gênero que se identifica, podendo ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído ao nascimento (Princípios de Yogyakarta, 2007).

Ao abordar os conceitos de gênero e sexualidade fica evidente que “para além de qualquer tipologia ou classificação, a sexualidade humana é heterogênea, não é imutável, sendo formada por uma multiplicidade de possibilidades” (Santos, 2020, p. 73). Além de que o gênero e a sexualidade ultrapassam barreiras que a classificação impõe, por exemplo, “[...] a palavra transgênero’ e sua forma abreviada, ‘trans’, pode ser utilizada para reunir, numa só categoria, travestis e transexuais, referindo-se aos sujeitos que transitam entre um gênero e outro” (Santos, 2020, p. 73-74). Gênero e sexualidade são, assim, conceitos que ajudam a diversificar as relações individuais e sociais de sujeitos no âmbito social, pois desconstruem estigmas e representações excludentes de pessoas LGBTQIA+.

3 Resiliência informacional: o reformular das práticas informacionais

Os estudos sobre o conceito de Resiliência Informacional tornam-se importantes na medida em que observam como as práticas informacionais que envolvem sujeitos em campos práticos são reformuladas ou transformadas diante das tensões, desafios ou imposições diversas decorrentes das configurações dos regimes de informação vigentes. Enquanto fenômeno, a resiliência informacional corresponde às capacidades responsivas – individuais e coletivas – frente às ameaças (Brasileiro, 2022). Já enquanto recurso analítico, em contexto de desafios, permite estabelecer a correlação entre as práticas informacionais agenciadas e as transformações decorrentes (Brasileiro, 2020).

Nesse processo, o conceito de práticas informacionais é fundamental. Segundo Lloyd (2010), a adoção do termo práticas informacionais emerge como alternativa ao de comportamento informacional no sentido de abranger a natureza intersubjetiva, as interações e a produção coletiva do conhecimento. Diferentemente da compreensão das ações de informação como efeitos das condições objetivas, ou como resultado da autorreflexão subjetiva, o conceito de práticas informacionais entrelaça a objetividade e a subjetividade em um campo prático que organiza as atividades, as competências, as afetividades e demais elementos relacionados à informação. De acordo com Lloyd (2011, p. 285, tradução nossa), as práticas informacionais são “uma série de atividades e

habilidades relacionadas à informação, constituídas, justificadas e organizadas por meio dos arranjos de um site social, e mediadas social e materialmente com o objetivo de produzir entendimento compartilhado e acordo mútuo sobre formas de conhecer”.

Portanto, não há como entender as ações e letramentos de informação dos sujeitos sem o entendimento coletivo do campo prático, ou vice-versa, pois “o foco no coletivo não exclui a subjetividade dos indivíduos que o constituem” (Rocha; Paula, 2019, p. 6). Conforme aponta Silva (2019), o conceito não abrange apenas como os sujeitos buscam a informação, mas “[...] o ‘porquê’ procuram, o ‘porquê’ acessam de tal forma e não de outra” (Silva, 2019, p. 48). Destarte, embora seja útil para a discussão acerca de toda a coletividade social e material do campo prático, o conceito é empregado nesta pesquisa com o enfoque no letramento dos praticantes, isto é, de como buscam, selecionam, entendem, apropriam e ressignificam as informações diante dos desafios enfrentados, e em como as práticas informacionais constituídas promovem a resiliência informacional.

O conceito de Resiliência Informacional foi introduzido por Annemaree Lloyd (2014, 2015) a partir de estudos sobre informação em saúde no contexto de transição dos refugiados, nos quais a autora entende o letramento informacional como uma prática informacional, constituída no decorrer das conexões que os sujeitos desenvolvem com as informações de um novo ambiente, envolvendo a busca de informações e a tomada de decisões. A experiência de constituição da prática de letramento informacional desses sujeitos no novo ambiente informacional resulta no processo de resiliência informacional, que é caracterizado pela autora em três etapas: *orientação*, *ajustamento* e *ressignificação*.

A *orientação* se configura na experiência física, oral e visual do indivíduo com as fontes de informações. Nessa etapa, os mediadores são essenciais, pois orientam a escolha de fontes de informação importantes. Já o *ajustamento* refere-se à adaptação do sujeito ao ambiente, de modo a modificar os métodos de conhecimentos, habilidades e estratégias informacionais anteriores. Por sua vez, a *ressignificação* consiste na reformulação do conhecimento por meio dos processos anteriores e a partir do contato com as novas fontes informacionais, criando novos sentidos diante da realidade vivenciada (Lloyd, 2014).

No estudo da autora, essas etapas são fundamentadas por outros três elementos: *construção do cenário*, que diz respeito ao processo de conexão com

as fontes de informação e métodos de conhecimento relevantes; *espaços informacionais*, que são os locais em que o sujeito busca informações para verificá-las e confirmá-las; e *agrupamento de informações*, que se refere a estratégia coletiva de letramento, que objetiva enfrentar as barreiras informacionais que limitam a tomada de decisões (Lloyd, 2014).

Nessa perspectiva, o conceito de Resiliência Informacional evidencia as capacidades individuais e coletivas dos sujeitos – em seus campos práticos – de reagirem, se adaptarem e se transformarem, diante das incertezas informacionais emergentes relacionadas aos desafios (Brasileiro, 2019), compartilhando informações que geram compreensão e significados compartilhados, reconstruindo os cenários informacionais que se encontram inseridos (Lloyd, 2015). A capacidade dos sujeitos de interagirem, buscarem, usarem, apropriarem e compartilharem informações, portanto, também deve ser vista como indicador de resiliência.

4 Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa (Minayo, 2009), realizada por meio da pesquisa de campo (Gil, 2008). Em relação ao tipo de pesquisa configura-se como descritiva, pois objetiva especificar e descrever características importantes do fenômeno estudado (Sampieri; Collado; Lucio, 2006). A coleta de dados foi realizada a partir de questionário sociodemográfico e a entrevista semiestruturada, envolvendo 4 participantes que se expressam e se afirmam pela homossexualidade masculina, enquadrando-se popularmente pela identidade LGBTQIA+, *gay*. O período da coleta de dados foi entre os meses de dezembro de 2021 e janeiro de 2022. A realização das entrevistas foi feita presencialmente no campo empírico e ambiente externo.

A pesquisa foi realizada no Centro Estadual de Referência dos Direitos de LGBTQIA+ e Enfrentamento à LGBTQIAfobia da Paraíba, Pedro Alves de Souza – Espaço LGBT Pedrinho, criado em junho de 2011 “[...] com a missão de promover a cidadania e os direitos humanos de LGBTQI+, como também o enfrentamento da LGBTQIfobia e à discriminação por orientação sexual e identidade de gênero” (Silva, 2019, p. 95-96).

Para análise dos dados, utilizou-se o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (Lefèvre; Lefèvre, 2005), que “busca reconstituir uma opinião coletiva [...] pela agregação, num discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular, dos conteúdos de depoimentos individuais que apresentam sentidos

semelhantes ou complementares” (Lefèvre *et al.*, 2010, p. 801). A análise dos dados deu-se a partir da síntese do conjunto de respostas dos participantes relacionadas às categorias estabelecidas na pesquisa em dois eixos temáticos.

5 Resultados e discussão

Participaram deste estudo 4 sujeitos, brancos e pardos, com idades entre 24 e 46 anos, nível superior completo (comunicador, assistente social, psicólogo e advogado) sendo 3 solteiros e 1 casado, cuja identidade de gênero e sexual autodeclarada foi masculino e gay/homossexual, com renda mensal de 1 a 3 salários mínimos. Tal perfil demonstra as idiossincrasias dos participantes, que podem ser caracterizadas por uma diversidade de experiências únicas de informações e conhecimentos a partir das suas vivências, apontadas por Brasileiro (2017) como aspectos relevantes a serem considerados nos estudos de resiliência informacional.

Na busca de compreender o processo dos sujeitos ao se afirmarem homossexuais/gays e a construção da Resiliência Informacional no contexto da homofobia, e partindo dos procedimentos de análise anteriormente citados, foram identificadas as expressões-chave (ECH) e as ideias centrais (ICs) dos discursos que apresentavam sentidos semelhantes e/ou complementares. Assim sendo, foram elaborados 2 eixos temáticos com suas respectivas ICs ou categorias, a saber: 1. Desafios informacionais diante da homofobia e, 2. Estratégias informacionais e resiliência informacional diante da homofobia, conforme apresentados a seguir.

5.1 Desafios informacionais diante da homofobia

O primeiro eixo temático, denominado “Desafios informacionais diante da homofobia” ilustrado na Tabela 1, apresenta as ICs ou categorias delineando os desafios informacionais enfrentados pelos participantes em seu cotidiano.

Tabela 1 – Desafios informacionais identificados

Síntese das ideias centrais dos Discursos do Sujeito Coletivo	Resultados quantitativos	
	Respostas	%
A: Sem dificuldade	1	25
B: Sem discussão sobre o cotidiano dos sujeitos LGBTQIA+ e o movimento LGBTQIA+	1	25
C: Religião	1	25
D: Sem informações sobre as pessoas LGBTQIA+ sem a perspectiva do modelo heteronormativo	1	25

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

A: Sem dificuldade

A categoria “sem dificuldade”, como a própria expressão evidencia, se refere àquelas expressões-chave dos participantes quando relatam que, na busca de informações acerca da homofobia e/ou sobre o cotidiano das pessoas LGBTQIA+, não foram identificadas quaisquer querelas. Tal aspecto pode ser observado no DSC a seguir:

Eu acho que nunca tive dificuldade em relação à procura dessas informações.

Não obstante, tais facilidades informacionais, podem ser explicadas e compreendidas a partir do extenso volume de informações disseminadas nos mais variados espaços, demonstrando o aumento da produção e da acessibilidade das informações. Tal fato, é apontado por Mckenzie (2003), como catalisador de conexões e interações com as fontes pesquisadas e o público chave, aqui a população LGBTQIA+.

Em contrapartida, é identificado um DSC direcionado a um período omissos à discussão e, conseqüentemente, sem informação acerca de assuntos relacionados à homofobia. Tal fato é observado na categoria a seguir.

B: Sem discussão sobre o cotidiano dos sujeitos LGBTQIA+ e o movimento LGBTQIA+

O hiato acerca do tema é identificado na categoria B, demonstrando o avanço informacional numa linha do tempo frente a um período de silenciamento até o cenário atual e liberdade e discussões sociais e políticas.

Na minha adolescência homofobia não se discutia [...] na verdade nem as letrinhas que a gente tem hoje, era GLS [...] então na verdade você tem uma evolução dessas reflexões sobre as questões de sexualidade ligada à população LGBT, naquele período não se discutia homofobia, homofobia só vem a ser discutido pelo movimento [LGBTQIA+].

Tal DSC aponta para este silenciamento informacional acerca do cotidiano das pessoas LGBTQIA+, remetendo à possibilidade de disseminação e propagação de uma heteronormatividade vigente e, conseqüente à exclusão social desta população. A omissão, falta de informações ou ainda, a disseminação de informações errôneas e/ou distorcidas, podem validar preconceitos e discriminações. Não obstante, observa-se que o avanço informacional foi se modificando ao longo do tempo e com isso, houve o surgimento e contemplação de diferentes identidades.

Os entrevistados também mencionaram o movimento LGBTQIA+ como um fator importante para as discussões sobre a população LGBTQIA+, a exemplo da homofobia. Silva (2019) destaca que o movimento LGBTQIA+ tem disseminado informações com a finalidade de questionar categorias hegemônicas que marginalizam sujeitos fora da norma. Dessa maneira, pode-se inferir que o movimento LGBTQIA+ tornou-se essencial na busca por representatividade e direitos para a população LGBTQIA+ ao longo do tempo.

C: Religião

Além desse hiato informacional apontado pelos entrevistados, a religião foi assinalada como uma categoria que merece destaque na discussão dos desafios informacionais frente ao cotidiano da população LGBTQIA+.

Tive, porque também era um misto [...] a partir do momento que eu estava me reconhecendo como homem *gay*, [...] vinha o lance muito da crença religiosa [...] que era pecado, que aquilo não era certo, que eu ia pro inferno, que eu não poderia tá nos lugares de mão dada como todo mundo.

O DSC mostra o lugar da religião no imaginário social e nas crenças acerca da homossexualidade. A religião pode ser fator de risco quando afirma a homossexualidade como pecado e culmina discursos e práticas que validam estigmas e preconceitos acerca da população LGBTQIA+. A este respeito, Louro (2010), salienta que instituições sociais (Igreja, escola, etc.) fundamentam identidades e padrões hegemônicos como forma de invisibilizar outras identidades e práticas. Nesse sentido, tais práticas podem reverberar em

emoções sociais negativas, bem como no entendimento sobre si mesmo, fazendo com que os sujeitos se sintam retraídos e/ou impedidos de se manifestar conscientemente e criticamente.

A religião é apresentada então como um veículo de informação que abre espaço para a discussão da categoria D.

D: Sem informações sobre as pessoas LGBTQIA+ sem a perspectiva do modelo heteronormativo

Sobre a homofobia, sobre pessoas LGBT, eu acho que quando eu tava assim buscando informações mesmo, eu acho que a gente não tinha a riqueza de dados que a gente tem hoje e de acesso à informação assim, mas não uma informação sobre uma perspectiva deles assim, dos héteros, que é uma coisa assim muito dogmatizada.

O DSC, demonstra que, ao procurar informações sobre homofobia e/ou pessoas LGBTQIA+, os participantes se deparavam com as informações provenientes da heteronormatividade, na qual Petry e Meyer (2011) conceituam como norma social, natural e legítima a heterossexualidade, gerando conseqüentemente, as diferentes formas de identidade de gênero e orientação sexual vistas como anomalias sociais.

Na contemporaneidade, os participantes evidenciaram que ao buscar informações sobre o cotidiano das pessoas LGBTQIA+ se deparam com outras perspectivas que divergem desse modelo, algo bastante positivo. Assim, percebe-se como os estudos de gênero proporcionados pelos feminismos, bem como pelo movimento LGBTQIA+ e demais pesquisadores, que desenvolvem suas pesquisas na área, vem contribuindo na desconstrução dessa realidade heteronormativa.

Verifica-se, portanto, que os entrevistados passaram por diversos desafios informacionais na construção de sentidos e significados mediante contextos dos sujeitos LGBTQIA+. As instituições sociais que permearam seus cotidianos direcionavam para o modelo heteronormativo, ou seja, as informações que circulavam propagavam a heterossexualidade como a única sexualidade possível. Não obstante, é importante destacar que estratégias informacionais foram identificadas e que estas foram essenciais no desenvolvimento do processo de resiliência informacional frente à homofobia.

5.2 Estratégias informacionais e resiliência informacional diante da homofobia

Na Tabela 2, pode-se observar os resultados das categorias referentes aos conteúdos e estratégias informacionais identificadas pelos sujeitos participantes frente à homofobia no campo empírico.

Tabela 2 – Conteúdos e estratégias informacionais identificadas

Síntese das ideias centrais dos Discursos do Sujeito Coletivo	Resultados quantitativos	
	Respostas	%
A: Cartaz da lei contra a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero	2	22,22
B: Campanhas	1	11,11
C: Ações/Atividades informativas	2	22,22
D: Mídia impressa	2	22,22
E: Acervo LGBTQIA+	1	11,11
F: Redes Sociais Digitais	1	11,11

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

A: Cartaz da lei contra a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero

O Espaço LGBT, ele tem, cartazes que fala sobre a lei da discriminação [...] que os estabelecimentos todos têm que ter aquele aviso sobre a homofobia, que enfim, que não pode haver.

Dentre as estratégias informacionais realizadas pelo Espaço LGBT de João Pessoa no combate a homofobia pode-se citar, com base no DSC, o cartaz que contém informações sobre a Lei Estadual nº 7.309/2009 atualizada pela Lei nº 10.909/2017 e o Decreto Nº 27.604/2006, que criminaliza a discriminação por identidade de gênero e/ou orientação sexual. O cartaz está vinculado a campanha lançada em 2017, intitulada “#Eurespeito”, que tinha por objetivo “ratificar o respeito às diferentes orientações sexuais e identidades de gênero” (Soares; Schultz, 2018, p. 89).

B: Campanhas

A Lei supracitada abre espaço para uma segurança social direcionada a população em estudo, favorecendo a possibilidade de movimentos sociais, a exemplo das campanhas, considerados importantes no desenvolvimento e processo da resiliência informacional, conforme observado no DSC, a seguir.

[...] ele faz campanha, a gente tem durante esses dez anos várias campanhas, que você pode pegar na internet, a gente tem uma campanha “Tire o respeito do armário”, tem uma campanha que está nos *outdoors* e também saiu nos ônibus.

No combate à homofobia (LGBTQIAfobia), o órgão utiliza campanhas que são divulgadas em diferentes ambientes e canais, a exemplo das redes sociais digitais. A campanha “Tire o Respeito do Armário – Todas e Todos pelo fim da homofobia”, mencionada no DSC, foi lançada em 2012 e tinha a finalidade na promoção dos direitos de LGBTQIA+ e no enfrentamento a LGBTQIAfobia (Soares; Schultz, 2018). Portanto, o Espaço LGBT de João Pessoa, por meio das campanhas, promove políticas de equidade para LGBTQIA+ no estado da Paraíba e o conhecimento coletivo sobre o cotidiano das pessoas LGBTQIA+.

C: Ações/Atividades informativas

As campanhas, como pôde ser verificado, são movimentos importantes e é essencial enfatizar que estas, facilitam o surgimento de outras ações e/ou atividades informativas.

Olha, geralmente, quando nos períodos das datas, né? A gente sempre procura fazer ação, 29 de janeiro, vai ser o dia da visibilidade trans, geralmente, a gente faz esse trabalho específico [...], maio dia de luta contra a homofobia, então a gente faz todo um aparato, seja pela internet ou passando informação pra os usuários, a gente sempre procura nesses períodos fazer com que esses usuários entre em contato com essas temáticas [...] aí você tem um calendário de atividades pra cada letrelinha LGBT, onde traz todas as questões de discriminação, tem as horas de diálogos, a gente faz várias atividades aqui com os usuários, né? Como a gente está na pandemia, isso foi reconfigurado, mas antes a gente tinha várias atividades aqui, tinha rodas de diálogos, tinha várias oficinas, tinha coisas de cursos nas áreas de geração de emprego e renda, tinha várias coisas onde dialogavam com o direito da população LGBT e o papel do Estado, né? Então, eu acho que a gente tem é produzido isso nos últimos dez anos. Além disso, teve uma corrida contra a LGBTQIAfobia aqui em João Pessoa, a gente teve vários ciclos de

formação com policiais, servidores da saúde, assistente social e professores, [...] tem informações que se dar pelo processo de capacitação dos servidores.

No DSC é evidenciado que o Espaço LGBT de João Pessoa no combate à homofobia faz uso de ações e atividades informativas, produzidas de acordo com datas que representam visibilidade às pessoas LGBTQIA+, a exemplo do dia 29 de junho, conhecido como o “Dia do Orgulho LGBTQIA+”, no qual o órgão desenvolve a temática LGBTQIA+ com todos que fazem parte da instituição.

Além disso, os funcionários são capacitados com informações sobre o cotidiano de pessoas LGBTQIA+, com ciclos de formações com profissionais que estão diretamente ligados a essa população. Na busca da conscientização e diálogo com o público em geral em relação ao preconceito, à discriminação e à violência contra LGBTQIA+ também são desenvolvidas inúmeras atividades. Em 2013, por exemplo, ocorreu a 1ª Corrida Estadual contra a Homofobia na Paraíba (Soares; Schultz, 2018). Sendo assim, a realização dessas ações e atividades promove na sociedade, especificamente, a paraibana, redes de apoio para esses indivíduos e abertura para diálogos que envolvam essa população.

D: Mídia impressa

Outra estratégia informacional apontada pelos participantes foi a mídia impressa, como uma cartilha e um *folder*, que apresentam informações de conscientização e prevenção contra a homofobia e doenças.

[...] existe uma cartilha, a gente tem *folder* aqui [...] *folder* pra melhor exemplificar isso.

Dessa maneira, a partir do DSC, observa-se uma diversidade de estratégias informacionais que possibilitam que os sujeitos que interagem com o local se mantenham informados diante de situações que envolvem seu cotidiano. A utilização desses meios demonstra a diversificação das fontes informacionais realizadas pelo Espaço LGBT de João Pessoa, buscando assim apresentar informações relevantes para seus/suas usuários/as.

E: Acervo LGBTQIA+

A disseminação de informações pelo Espaço LGBT de João Pessoa também é realizada pelo acervo LGBTQIA+ que há no local, que se constitui como um

espaço aberto para leitura e pesquisa com produções acadêmicas que abordam a temática LGBTQIA+ em diferentes campos (Paraíba, 2019).

[...] A gente tem a biblioteca aqui, tem várias pesquisas na área de Serviço Social, Psicologia, Arquivologia, Psicologia, acho que deve ter uns vinte TCCs ali, tem umas teses de doutorado, de mestrado deve ter uns cinco ou seis, então tem várias temáticas.

O DSC deixa evidente que o acervo LGBTQIA+ assume um papel importante no processo de (des)construção de conhecimento sobre o cotidiano de LGBTQIA+, pois oferece produções acadêmicas com informações essenciais e sem a centralidade do pensamento hegemônico. Além de possibilitar que tais indivíduos compartilhem as informações adquiridas com outros sujeitos.

F: Redes Sociais Digitais

Além das campanhas, ações, mídia impressa e acervo LGBTQIA+, as redes sociais digitais surgem como veículos informacionais catalisadores de resiliência.

[...] tem material no Instagram, nas redes sociais do próprio governo do Estado.

As redes sociais digitais se tornaram importantes espaços de acesso, produção e compartilhamento de informações. A inserção do Espaço LGBT de João Pessoa nesse ciberespaço, possibilita que outras pessoas LGBTQIA+ tenham conhecimento acerca dos serviços oferecidos e demais informações que são produzidas pelo local.

Percebe-se, portanto, que diversas são as fontes informacionais utilizadas pela população LGBTQIA+. Na Tabela 3, observa-se os resultados das categorias referentes às fontes informacionais utilizadas pelos sujeitos participantes no enfrentamento ao fenômeno da homofobia.

Tabela 3 – Fontes informacionais utilizadas pelos entrevistados

Síntese das ideias centrais dos Discursos do Sujeito Coletivo	Resultados quantitativos	
	Respostas	%
A: Redes Sociais Digitais	3	23,08
B: Internet	3	23,08
C: Pessoas e profissionais	1	7,69
D: Atendimento direto	1	7,69
E: Fontes acadêmicas	2	15,38
F: Redes de estudo	2	15,38
G: Programa jornalístico	1	7,69

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

A: Redes sociais digitais

É, as redes sociais, eu acho que é o lugar onde mais, apesar de tantas coisas que têm nas redes sociais, eu acho que lá é o lugar onde mais as pessoas estão abertas as discussões, a diálogo e tudo mais, onde tem muita coisa presente em relação a isso, de alerta, de homofobia, onde muitas vezes as pessoas passam por situações [achando] que não foi homofobia e graças as pessoas que estão lá [...] intensificam essas discussões pra que haja de fato uma conversa e um entendimento pra que isso realmente seja visto como homofobia, porque realmente, talvez naquela situação, por exemplo, talvez foi sabe e às vezes a pessoa passou e não sabe exatamente que passou [...] Eu acho que as redes sociais [...] são na verdade um lugar de fato pra gente encontrar essas [informações], para levantar questões, para levantar discussões, mas eu acho que o Facebook, já foi muito [utilizado] e hoje em dia não tanto, acho que decaiu bastante, mas talvez o Twitter e o Instagram estejam [com] essas discussões bem afloradas. Gosto até do Instagram, tem muito, hoje, grupos que falam sobre a LGBTQIAfobia [...] eu sigo páginas no Facebook, eu sigo páginas do Instagram.

Os participantes relataram que utilizam as redes sociais digitais (Facebook, Instagram e Twitter) para se informar sobre as práticas homofóbicas. Mckenzie (2003) aponta que nesse tipo de situação ocorre a busca ativa, pois o sujeito se direciona para fontes informacionais previamente identificadas em busca de sanar dúvidas sobre situações que envolvem seu cotidiano.

Meira *et al.* (2012) afirmam que as redes sociais virtuais são ambientes que possibilitam interações sociais com base em algum tipo de relacionamento.

Assim, conforme o DSC, o ambiente virtual, que no caso específico é proporcionado pelas redes sociais digitais, possibilitou para os participantes campos de pesquisa sobre a homofobia.

B: Internet

Geralmente, eu gosto de fazer busca em *sites* [...] se você quiser saber de outras coisas que não seja morte e tal de pessoas LGBT é na internet [...] tem até um [*site*] [...] que eles postam algumas informações que sejam relevantes [...] como complemento a internet de modo geral, sabe, tipo de pesquisas e tudo mais.

O acesso à informação possibilita que os sujeitos superem o estado de incerteza informacional, pois começam a buscar fontes informacionais essenciais para gerenciá-lo (Brasileiro, 2019). Desse modo, conforme o DSC, ao realizarem pesquisas em *sites* que discutem sobre temas LGBTQIA+, a exemplo da homofobia, os participantes aqui investigados, passam a se inserir nas discussões, possibilitando mais tomada de decisão diante desse fenômeno.

A internet gerou para os entrevistados experiências positivas, já que são espaços em que podem sanar suas dúvidas sobre contextos LGBTQIA+, de fácil acesso e com abundância de informações sobre essas pessoas. Por serem escolarizados, são indivíduos que sabem do fenômeno das *fake news*, sempre buscam acessar *sites* que possuem relevância e confiabilidade perante a população LGBTQIA+.

C: Pessoas e profissionais

[...] eu geralmente encontro as respostas que eu quero e não só procuro na internet como me informando com pessoas, profissionais etc.

Os participantes relataram que se informam com outras pessoas que, possivelmente, seja do seu vínculo social e que são LGBTQIA+, pois compreendem sua realidade, facilitando o diálogo sobre suas vivências. Além disso, o DSC cita profissionais imersos no Espaço LGBT de João Pessoa como importantes mediadores da informação.

O acompanhamento desses profissionais é essencial à compreensão da realidade, pois é através deles que dúvidas são esclarecidas e inseguranças causadas pela homofobia são sanadas, servindo, portanto, como uma rede de apoio. Desse modo, verifica-se que a interação com esses sujeitos possibilitou a construção do cenário, pois os participantes por meio dessas conexões

conseguiram informações relevantes diante do contexto vivenciado (Lloyd, 2014).

D: Atendimento direto

A gente faz o atendimento direto a essa população LGBT, aqui a gente tem relatórios de atendimentos dos usuários, né? A gente tem estudos de caso, então a gente tem essa fonte primária de informação.

O DSC acima relata que os atendimentos realizados com os/as usuários/as se tornam fontes de informação, na qual os sujeitos situam os funcionários sobre os acontecimentos do dia a dia de uma pessoa LGBTQIA+. Importa salientar que os dados produzidos pelo Espaço LGBT de João Pessoa são divulgados para a imprensa local e servem para situar outros LGBTQIA+ na Paraíba sobre o cotidiano dessa população.

Diante disso, percebe-se que o atendimento direto é outro fator que possibilitou a construção do cenário (Lloyd, 2014), já que o contato direto com os/as usuários/as possibilita a construção de dados relevantes sobre o cotidiano dos sujeitos do Espaço LGBT de João Pessoa, tais como o perfil sociodemográfico e homofobia.

E: Fontes acadêmicas

[...] a gente também tem as fontes de informação acadêmicas, então a gente tem sempre livros, artigos, coisas que estão sendo publicadas [...] que eu olho sempre para poder me atualizar e ver como eu posso usar e ajudar esse lugar.

Os entrevistados relataram que utilizam livros, artigos, entre outras fontes acadêmicas para compreender as diferentes práticas homofóbicas. Essa fonte informacional é recurso essencial para os funcionários que trabalham no órgão.

A utilização de tais fontes, possibilita às pessoas LGBTQIA+ a compreensão de conceitos e nomenclaturas que as permeiam, bem como ampliam o conhecimento sobre o seu cotidiano, sendo importante elemento na construção do cenário (Lloyd, 2014).

F: Rede de estudos

[...] tenho grupos de universidades, bem como eu faço parte também de uma rede de pesquisadores [...] que estuda sobre sexualidade.

Outra fonte informacional, apontada pelos entrevistados, foram as redes de estudos, as quais são essenciais para o entendimento sobre o contexto das pessoas LGBTQIA+. As redes de estudo representam, portanto, espaços em aprofundamento de discussões atualizadas, servindo de base no processo de tomada de decisão em questões significativas para os indivíduos que buscam atendimentos no Espaço LGBT de João Pessoa. Logo, tais redes podem contribuir na compreensão dos novos significados que são construídos sobre os corpos LGBTQIA+ na contemporaneidade. Portanto, o contato com esses espaços informacionais possibilitou para os entrevistados ambientes em que podem buscar informações acerca da vivência LGBTQIA+ (Lloyd, 2014).

G: Programa jornalístico

O programa jornalístico é uma importante fonte de informação mencionada pelos participantes da pesquisa.

Olhe pra você saber de agressão, essas coisas, é só ligar no jornal normal na TV aberta que vai ter.

No DSC é demonstrado como os discursos e práticas homofóbicas se naturalizaram na sociedade, tornando-se pautas em programas jornalísticos. É emergencial a necessidade de reflexões e questionamentos acerca da hostil realidade social que tem se tornado constantes nas vidas das pessoas LGBTQIA+, pois “[...] não é uma violência qualquer fruto de um processo de formação socioespacial desigual, é uma violência que mata, fere e brutaliza esses corpos, expondo-os ao ridículo e a extremos processos de exclusão por serem quem e como são” (Gastaldi *et al.*, 2021, p. 10).

Até o presente momento, foi possível verificar as estratégias e fontes informacionais utilizadas pelos participantes. No entanto, é imprescindível compreender como todo esse ambiente informacional gerou tomada de decisões que servem de base e segurança identitária junto a população estudada. Assim sendo, os resultados da Tabelas 4 dizem respeito a ressignificação e tomadas de decisões dos entrevistados sobre a homofobia.

Tabela 4 – Ambiente informacional e a tomada de decisão

Síntese das ideias centrais dos Discursos do Sujeito Coletivo	Resultados quantitativos	
	Respostas	%
A: Assertividade	1	16,66
B: Produção de conhecimento e oportunidade profissional	1	16,66
C: Empoderamento e ajuda ao próximo	1	16,66
D: Ambiente de acolhimento e informacional	1	16,66
E: Afirmação sobre si	1	16,66
F: Garantia de direitos	1	16,66

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

A: Assertividade

Eu me sinto como mais voz ativa em relação a isso [...] eu já passei por algumas situações, não de embate pra enfrentar, foi mais de você perceber que tem gente olhando torto pra você e seus amigos, tem gente incomodado com a sua presença, mas nunca de chegar combater e enfrentar aquilo ali. Mas através do Espaço, eu me sinto preparado [...] pra se acontecer alguma coisa do tipo eu conseguir ter voz ativa e enfrentar determinadas situações [homofóbicas].

A inserção no Espaço LGBT de João Pessoa possibilitou aos participantes mais autoconfiança, auxiliando na superação do estado de incerteza informacional, passando a entender situações homofóbicas e como se prevenir a estas. O Espaço LGBT de João Pessoa se configurou como um ambiente familiar, que proporciona informações relevantes para o enfrentamento da homofobia. Nesse contexto, observa-se a promoção da resiliência informacional, já que os sujeitos ressignificaram suas experiências informacionais anteriores, passando a lidar com o estado de incerteza informacional (Brasileiro, 2019; Lloyd, 2014).

B: Produção de conhecimento e oportunidade profissional

O Espaço LGBT na verdade, ele é primeiro um reconhecimento do Estado que essa população tem direito, é um lugar onde as pessoas vão ser atendidas quando necessitarem e é um espaço de produção de conhecimento, né? A gente é um campo de estágio, onde novos profissionais, seja da área de serviço social, psicologia, direito, tem feito estágio aqui.

Os participantes consideram que o órgão se tornou um espaço de produção de conhecimento das pessoas LGBTQIA+, oferecendo serviços e experiências profissionais. Portanto, o ambiente informacional contribui significativamente na construção da cidadania LGBTQIA+, sendo um elemento importante na busca de igualdade social para a comunidade LGBTQIA+ na Paraíba.

Desse modo, o papel social do Espaço LGBT de João Pessoa é de suma importância, pois atua como mediador, produtor e compartilhador da informação. Percebe-se, portanto, o agrupamento de informações (Lloyd, 2014), visto que o ambiente informacional se apresenta como um espaço do cotidiano em que fornece informações sobre o contexto em que essas pessoas estão inseridas, além de possibilitar que tenham mais tomada de decisões.

C: Empoderamento e ajuda ao próximo

Pra mim, foi extremamente válido no sentido [do empoderamento], porque cada dia vem uma história diferente de vida, uma realidade, então só acrescenta pra de fato ajudar quem é vítima de violência, então aprendi que o lance mais do indivíduo, das questões que chegam, que me faz, que eu me sinta mais empoderado até de poder ajudar o outro, pois [...] a gente sempre está mandando conteúdo [...]. Sendo assim, quando chega algo diferente, uma lei, uma norma, enfim [enviamos] pra ajudar, nesse sentido.

O DSC aponta o empoderamento como característica desenvolvida na compreensão das vivências LGBTQIA+ na vida dos entrevistados após a imersão na instituição. O processo de empoderamento permite aos sujeitos desenvolverem estratégias para se situar diante da realidade vivenciada (Farias; Varela, 2017). Assim, percebe-se que o compartilhamento de informações essenciais é outra alternativa para o enfrentamento da homofobia.

D: Ambiente de acolhimento e informacional

O Espaço LGBT, eu gosto muito [...] de pensar, por exemplo, num âmbito estadual, eu sei que existe uma preocupação de não deixar essas pessoas desamparadas [...] e, assim, eu acho muito bom saber que tem pessoas que são LGBT, pessoas que não tem casa, que vão poder ser atendidos, que vão poder ser aconselhadas, ter informações, de ter uma casa, entendeu? Vão saber como pode casar, enfim que sofrer algum tipo de violência, homofobia, que vão contar com apoio psicológico e jurídico do Estado.

Os participantes mencionaram que o órgão se configura como um ambiente informacional e de acolhida, pois proporciona à população LGBTQIA+ serviços que promovem a cidadania e representatividade, ou seja, um espaço de resistência frente à marginalização social.

Dessa maneira, esse ambiente se tornou referência na criação de estratégias de enfrentamento da homofobia para os sujeitos que frequentam o local, os quais obtiveram informações relevantes sobre esse contexto, permitindo se entender a partir de sua orientação sexual, por exemplo.

E: Afirmação sobre si

Hoje, eu percebo que [tem] essa desconstrução, eu falo na maior, eu não tenho nenhum problema [...] de falar sobre [minha orientação sexual], sempre é necessário dizer que eu sou *gay*, tem momentos que eu sinto que é necessário falar, pra mim é uma autoafirmação de dizer “eu sou homem *gay*” [...], mas também tem lugar [que] eu não preciso tá falando ou me colocando enquanto homem *gay*, porque eu acho que é desnecessário também, é desnecessário.

Conforme DSC, as mudanças ocorreram também no entendimento sobre sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, reverberando na afirmação e expressão na sociedade. Para Lloyd (2014) essa situação se configura como a de ressignificação, pois os sujeitos informacionais reformularam seus conhecimentos na busca de novos sentidos para a realidade inserida. Portanto, o contato com o órgão possibilitou a construção do processo de resiliência informacional em contextos pessoais e significativos.

F: Garantia de direitos

[...] cria um precedente pra próxima gestão, porque a gente não sabe, essa é ideia dessa gestão, mas a gente não sabe como é a próxima, mas mesmo assim cria um precedente, diz olha existia um Espaço que a gente era ouvido, que a gente tinha atenção e a gente quer esse espaço também, agora, política é assim, uma hora muda [...] eu acho que cria um precedente, abre espaço pra continuar melhorando os serviços.

Outro aspecto descrito pelos participantes é que, no âmbito político, o Espaço LGBT de João Pessoa passa a ser um precedente, isto é, uma comprovação para os próximos gestores, possibilitando que os serviços sejam continuados e melhorados para as pessoas LGBTQIA+. Isso reflete na garantia de direitos para

a população LGBTQIA+, visto que no cenário político, os conservadores buscam impedir a cidadania LGBTQIA+.

Ante o exposto, é possível compreender como o Espaço LGBT de João Pessoa foi e é essencial no desenvolvimento e consolidação de práticas informacionais cotidianas, auxiliando na superação do estado de incerteza informacional e, conseqüentemente, reverberando na promoção da resiliência informacional diante da homofobia e demais contextos LGBTQIA+. Os participantes da pesquisa, através da resiliência informacional passaram a entender que sua orientação sexual é uma realidade normal e vivenciada por outros sujeitos na sociedade. Além disso, as informações que tiveram acesso através das estratégias informacionais contribuíram significativamente na tomada de decisões diante do fenômeno estudado.

Em suma, como destacado no primeiro eixo temático “Desafios informacionais diante da homofobia”, percebe-se que os principais desafios enfrentados pelos sujeitos participantes foram a falta de informação, a religião e informações advindas da heteronormatividade. Quanto ao segundo eixo “Estratégias informacionais e resiliência informacional diante da homofobia”, observou-se que o Espaço LGBT Pedrinho desempenhou um papel importante em relação às estratégias, tais como campanhas, as ações e o acervo LGBTQIA+. Além disso, os entrevistados também utilizaram fontes informacionais, a exemplo das redes sociais digitais. Nota-se, portanto, que a mediação do ambiente informacional foi determinante para que os participantes desenvolvessem resiliência informacional diante das ameaças homofóbicas.

6 Considerações finais

Na construção da resiliência informacional – analisadas quanto às etapas de orientação, ajustamento e ressignificação –, observou-se que a primeira etapa se deu através da rede de amigos que conduziram os entrevistados para o Espaço LGBT de João Pessoa, os quais atuaram como mediadores da informação, assim como a conexão decorrente de oportunidades de trabalhos com pessoas LGBTQIA+ no espaço. A segunda etapa foi percebida à medida que os participantes foram acessando ou oferecendo serviços no Espaço LGBT de João Pessoa, consistindo na modificação dos métodos de conhecimentos, habilidades e estratégias informacionais.

A última etapa foi percebida pelas mudanças que ocorreram após contato com o órgão, possibilitando a superação do estado de incerteza informacional e o

desenvolvimento de práticas informacionais críticas diante do processo de reconhecimento da orientação sexual e o enfrentamento de práticas homofóbicas. Compreende-se que a construção do cenário se deu a partir das conexões dos entrevistados com pessoas, profissionais e o atendimento direto aos/as usuários/as, por exemplo. O Espaço LGBT de João Pessoa foi reconhecido como um ambiente em que os sujeitos podem buscar informações sobre o cotidiano e confirmá-las, ou seja, possibilitando o desenvolvimento e fortalecimento de estratégias informacionais de enfrentamento coletivo diante de contextos LGBTQIA+.

No campo da Ciência da Informação, o estudo proporciona novos olhares sobre os estudos de gênero e sexualidade com o foco nas pessoas LGBTQIA+, entendendo que há necessidade de avanço no que tange a problematização do cotidiano desses sujeitos, principalmente quanto ao fenômeno da homofobia/LGBQIAfobia. Por fim, a pesquisa abre caminhos para que outros estudos sejam realizados com a correlação dos conceitos de práticas informacionais e resiliência informacional direcionados à população LGBTQIA+, multifacetada e com particularidades muitas vezes desconhecidas.

Referências

BRASILEIRO, Fellipe Sá. Dimensões analíticas da resiliência informacional em ecossistemas digitais. *In*: FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo; FREIRE, Isa Maria (Org.). **Comunicação Científica em rede**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. (Coleção PPGCI 50 anos). p. 83-96.

BRASILEIRO, Fellipe Sá. Emoções e redes colaborativas na resiliência informacional. **Liinc em Revista**, v. 16, n. 2, p. e5309, dez. 2020.

BRASILEIRO, Fellipe Sá. **Resiliência informacional em redes sociais virtuais: práticas colaborativas, emoções e mobilidade**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

BRASILEIRO, Fellipe Sá. **Resiliência Informacional: modelo baseado em práticas informacionais colaborativas em redes sociais virtuais**. 2017. 228f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2017.

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna Silva do. A questão do gênero na literatura em Ciência da Informação. **Em Questão**, v. 18, n. 3, p. 199-214, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; VARELA, Aida Varela. mediação da informação e o protagonismo social: experimentando a construção de um modelo em uma comunidade brasileira. **Investigación Bibliotecológica**, v. 31, n. 72, p. 91-110, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga; MOTT, Luiz; OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; AYRES, Carla Simara Luciana da Silva; SOUZA, Willians Ventura Ferreira; SILVA, Kayque Virgens Cordeiro da. (Orgs.). **Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia**. 1. ed. – Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: UEDUCS, 2005. (Desdobramentos).

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti; CORNETTA, Vitória Kedy; ARAÚJO, Sandra Dircinha Teixeira de. O discurso do sujeito coletivo como eu ampliado: aplicando a proposta em pesquisa sobre a pílula do dia seguinte. **Journal of Human Growth and Development**, v. 20, n. 3, p. 798-808, 2010.

LLOYD, Annemaree. Building Information Resilience: How do Resettling Refugees Connect with Health Information in Regional Landscapes – Implications for Health Literacy. **Australian Academic & Research Libraries**, v. 45, n. 1, p. 48–66, 2014.

LLOYD, Annemaree. Framing information literacy as information practice: site ontology and practice theory. **Journal of Documentation**, v. 66, n. 2, p. 245-258, 2010.

LLOYD, Annemaree. Stranger in a strange land; enabling information resilience in resettlement landscapes, **Journal of Documentation**, v. 71, n. 5, p. 1029–1042, 2015.

LLOYD, Annemaree. Trapped between a rock and a hard place: what counts as information literacy in the workplace and how is it conceptualized?. **Library Trends**, v. 60, n. 2, p. 277–296, 2011.

LOURO, Guacira Lopes, Pedagogias da Sexualidade. *In: O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Autêntica Editora, 2010.

MCKENZIE, Pamela J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, Bingley, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003.

MEIRA, Silvio Romero de Lemos.; COSTA, Ricardo Araújo; JUCÁ, Paulyne Matthews; SILVA, Edeilson Milhomem da. Redes Sociais. *In: PIMENTEL, Mariano; FUKS, Hulgo (Orgs.)*.

Sistemas colaborativos. Rio de Janeiro: Campus, 2012. Disponível em: <https://sistemascolaborativos.uniriotec.br>. Acesso em: 31 ago. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PARAÍBA. GOVERNO DO ESTADO. **Governo comemora 8 anos do Espaço LGBT de João Pessoa.** 2019. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/governo-comemora-8-anos-do-espaco-lgbt-de-joao-pessoa>. Acesso em: 31 ago. 2022.

PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v.10, n.1, p. 193-198, jan./jul. 2011.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. **Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero.** jul. 2007. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/gays/principios_de_yogyakarta.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. Práticas Informacionais no fazer científico. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, 2019.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia da Pesquisa.** 3 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos. **Regime de informação das políticas públicas LGBTI+ no Brasil.** 2020. 160 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SCOTT, Joan. **La citoyenne paradoxale:** les féministes françaises et les droits de l'homme. Paris: Albin Michel, 1998.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 05-22, 1995.

SILVA, Laelson Felipe da. **Práticas informacionais:** LGBTQI+ e empoderamento no Espaço LGBT. 2019. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SOARES, Gilberta Santos; SCHULTZ, Roberta Rocha. Retirando do armário as políticas públicas para LGBT na Paraíba. *In:* NASCIMENTO, Silvana; FRANCH, Mônica. (Orgs.). **Entre o sertão e o mar:** políticas e poéticas LGBTs na Paraíba. Salvador-BA: Editora Devires, 2018.

Sobre a autoria

Luís Carlos da Silva

Doutorando e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Graduado em Relações Públicas e Ciências Econômicas pela UFPB.

luiscarlossilva.lcs@gmail.com

Edvaldo Carvalho Alves

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. Professor Associado do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.

edvaldocalves@gmail.com

Fellipe Sá Brasileiro

Pós-Doutorado em Ciências e Tecnologias da Comunicação pela Universidade de Aveiro, Portugal. Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.

fellipesa@hotmail.com

Notas

Agradecimentos

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba pelo apoio financeiro.

Aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa

Não se aplica.

Conflitos de interesses

Não se aplica.

Artigo submetido em: 13 out. 2022.

Aceito em: 16 ago. 2023.

Artigo



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia
Revista Folha de Rosto

 **PPGB**

✉ folhaderosto@ufca.edu.br

📷 [@revistafolhaderosto](https://www.instagram.com/revistafolhaderosto)

🐦 [@revfolhaderosto](https://twitter.com/revfolhaderosto)

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.